

Editorial

O presente volume de *Linguarum Arena* inclui sete textos mais duas resenções críticas. Os artigos analisam questões que remetem para diferentes realidades e variadas geografias, sempre no âmbito da Didática de Línguas, matriz da revista. Mais uma vez se cruzam, nas páginas da *Linguarum Arena*, trabalhos de autores consagrados na área, com outros de quem principia a sua investigação. A multiplicidade de visões, de países de língua portuguesa convocados (Brasil, Moçambique, Portugal) e de objetos de estudo (a escrita manuscrita, a produção escrita em português como língua materna, a produção oral no português como língua estrangeira, os manuais para o ensino bilingue, os erros ortográficos em futuros professores, etc.) será sempre uma opção da revista, que mais uma vez se cumpre.

No primeiro texto apresentado, “A cópia escolar enquanto atividade parcialmente atenuante de incorreções caligráficas na alfabetização”, Wagner Ferreira Angelo, Dalva Maria Alves Godoy, Leonor Scliar-Cabral e Vera Wannmacher Pereira, de duas conceituadas universidades brasileiras (Universidade de Santa Catarina, os três primeiros autores e da PUC do Rio Grande do Sul, a última), debruçam-se sobre a produção caligráfica das letras do alfabeto latino, a partir do exercício escolar chamado “cópia”. Os autores verificam a “persistência de falhas no registro dos traços invariantes que diferenciam as letras entre si”, originando erros. O estudo empírico debruça-se sobre trabalhos de 86 alunos de 1.º e 2.º ano de Florianópolis. Numa fase em que a correspondência grafema/fonema deveria consolidar-se, de modo a automatizar-se e não constituir um entrave para a produção escrita, é também fundamental que a escrita manual se afine, o que exige treino adequado. Se o aprendiz não traçar devidamente as letras, terá problemas a redigir texto. Ora o exercício da cópia, segundo os autores, só é benéfico para o aprimoramento da caligrafia nos primeiros anos de escolaridade, perdendo eficácia a partir do 3.º. Propõe-se, assim, o uso de outras estratégias para o treino eficiente da escrita manual automatizada.

Catarina Araujo e Ângela Lopes, no texto intitulado “A escrita como pilar da oralidade planeada em português L2”, mostram a vantagem de interligar bem o desenvolvimento das diferentes competências para a aprendizagem de L2, mesmo quando está sobretudo em conta a produção oral. As autoras partem do ensino da escrita para o aprimoramento de uma competência de produção oral mais fluente e estruturada e com um repertório lexical mais rico. A experiência sobre que se debruçam teve em conta três aprendentes romenas de nível B1, em ensino *online*, e confrontou oralidade planeada e não planeada (centrando-se, sobretudo, nas pausas) com a densidade de ideias na escrita, ou seja, visou “comparar a qualidade da escrita com o grau de fluência na oralidade”. O facto de serem só três as estudantes permitiu uma análise muito minuciosa de todas as produções orais e escritas de cada uma delas, cujo resultado confirmou a hipótese de partida das autoras.

No texto “Erros ortográficos no presente em professores do futuro: relação (im)provável?”, José António Costa, Inês Oliveira, Joana Querido e Ana Sofia Lo-

pes dão conta de um estudo levado a cabo na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, onde todos são docentes, a partir da análise das incorreções ortográficas de 104 provas de avaliação de estudantes de uma Unidade Curricular do 1.º ano da licenciatura em Educação Básica, que serão, portanto, futuros professores. Tais incorreções existem, sobretudo, nas regras de correspondência grafema-fonema e de acentuação gráfica. O panorama pouco animador traçado revela que a competência ortográfica não está estabilizada no final do Ensino Secundário, quando deveria ser estável no final do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o que exige soluções urgentes de remediação. Depois de uma análise minuciosa dos tipos de erros mais frequentes, os autores verificam ainda que não há uma relação entre o tipo de formação escolar anterior e os erros. Por fim, nas considerações finais, referem um conjunto de eventuais soluções e prometem dar conta dos resultados dessas estratégias a aplicar, em artigos que sejam a continuação deste.

No artigo “The different faces of multilinguality”, Danuta Gabryś-Barker reflete sobre o processo de formação de professores de línguas estrangeiras, focando o desenvolvimento da multilingualidade neles. Para este efeito, na primeira parte do trabalho, a autora analisa de forma sucinta as diferenças entre as noções de multilinguismo e multilingualidade e centra-se, de seguida, neste segundo aspeto. Na segunda parte do trabalho, é apresentado um estudo de caso, que abrange vários projetos implementados no programa de formação de professores de inglês e de outras línguas estrangeiras na Universidade da Silésia, cujo objetivo é precisamente refletir sobre o desenvolvimento da multilingualidade, enquanto capacidade individual, nos futuros professores. Os projetos implementados, como a autora refere no comentário final, serviram para desenvolver, nos estudantes-futuros professores de língua estrangeira, a consciência do fenómeno do multilinguismo e da multilingualidade em geral, bem como a reflexão (e a consciência) sobre o desenvolvimento da sua própria multilingualidade.

Vasco Magona, no artigo “Manuais didáticos em Moçambique: entre modelos e procedimentos de produção”, apresenta uma visão geral da produção de manuais didáticos de/em línguas moçambicanas, para o ensino bilingue em Moçambique, focando-se nos modelos e procedimentos de conceção do livro escolar do 1.º ciclo do ensino primário (1.ª a 3.ª classes). O autor descreve diferentes fases pelas quais tem passado a história da confeção do manual didático para o ensino bilingue em Moçambique. Um dos modelos, a que chama de Edição do Estado, faz-se a partir de um proto-livro, traduzido para as diferentes línguas nativas. Aquele modelo a que chama de Autorização do Estado, da responsabilidades de Organizações Não Governamentais e de agências internacionais, implica um manuscrito, criado de raiz, na língua moçambicana em causa. No segundo modelo, que o autor considera mais adequado, usa-se uma “pirâmide de progressão do escopo e da sequência grafo-fonémica das unidades fonológicas da língua em função da sua produtividade no idioma”, e procura apresentar-se aos alunos apenas unidades lexicais que eles consigam descodificar. Daí haver mais adequação e eficácia neste modelo

de manual para o ensino bilingue, modalidade na qual Moçambique se destaca entre os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

Em “Áreas de estudo da didática do francês investigadas pelos professores em formação inicial na Faculdade de Letras da Universidade do Porto”, Manuela Teixeira analisa os tópicos de estudo escolhidos para o relatório de estágio pelos professores de francês em formação inicial, nos mestrados em ensino da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Na primeira parte do trabalho, são apresentadas as características do estudo, nomeadamente o *corpus*, constituído por 14 relatórios de estágio, elaborados entre 2012 e 2017, bem como a metodologia de análise e as fases de trabalho. Na segunda parte do estudo, são analisados e discutidos os resultados do estudo; entre estes últimos deve salientar-se o predomínio dos temas incluídos na competência escrita.

A fecharem esta secção da revista, Luciano Magnoni Tocaia e André Alexandre Santos Tavares, no artigo intitulado “A aplicabilidade do conceito de Projeto Didático de Género no ensino básico: o género textual miniconto para as práticas de escrita em Língua Portuguesa”, partem do enquadramento teórico do interacionismo sociodiscursivo, para o ensino do género textual miniconto, escolhido por ser atrativo para os alunos. Os autores analisam duas produções iniciais e duas finais de dois alunos de uma turma do 9.º ano, do género textual em causa e encontram vantagens evidentes na metodologia utilizada. Este artigo, dando conta de um percurso de investigação-ação, dentro de uma metodologia de Projeto Didático de Género, aponta eventuais vantagens dela para a melhoria do desempenho escrito dos alunos em Língua Portuguesa.

A revista apresenta, na parte final, duas recensões críticas. Numa delas, Daniel Ferreira ocupa-se do livro de Sérgio Duarte Julião da Silva *Atividades de Literatura Brasileira: para o ensino de Português Língua Adicional / Português para Estrangeiros*. Na outra, Silvia Collado Cabeza debruça-se sobre a obra de María del Carmen Méndez Santos, *101 preguntas para ser profe de ELE. Introducción a la lingüística aplicada para la enseñanza de español*.

Este número de *Linguarum Arena* tem um conjunto de bons motivos para convidar à leitura aqueles que se interessam pela Didática de Línguas. Esperemos que o leiam e divulguem e continuem a fazer-nos chegar os vossos contributos.

Isabel Margarida Duarte
Maria de Fátima Outeirinho
Rogelio Ponce de León
Setembro de 2024